

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Tamara Cristina Ferreira

ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O desenho e o seu papel no desenvolvimento da criança

Contagem
2020

Tamara Cristina Ferreira

ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

O desenho e o seu papel no desenvolvimento da criança

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Rodrigo Borges Coelho

Contagem

2020

Ferreira, Tamara Cristina.

Artes Visuais na Educação Infantil: o desenho e o seu papel no desenvolvimento da criança / Tamara Cristina Ferreira. – 2019.
38 f., enc

Orientador: Rodrigo Borges Coelho
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
Referências: f. 36-39

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Coelho, Rodrigo Borges. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707

Nome: Tamara Cristina Ferreira


ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: o desenho e o seu papel no desenvolvimento da criança

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA**



Rodrigo Borges Coelho – UFMG (Orientador)
Julgamento:



Profa. Camila Rodrigues Moreira Cruz – CEEAV/ EBA/ UFMG (Membro da Banca Examinadora)



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora *Pro Tempore* do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020

Resumo

Esta monografia trata do aprendizado do desenho na educação infantil e do seu papel no desenvolvimento da criança. Nesse percurso de trabalho, a pesquisa deteve-se em alguns pontos: 1) a importância e o impacto da mediação do professor no querer da criança em se expressar por meio do desenho; 2) a prática do desenho na infância como representação e forma de registro; 3) a identificação de recursos e instrumentos de apoio para o trabalho de mediação do professor; 4) o levantamento bibliográfico a respeito da importância do ensino em Artes Visuais na vida do aluno. A escolha dessa temática partiu da minha experiência pessoal em vivências com crianças de zero a cinco anos, como professora em instituições de educação infantil. A metodologia utilizada buscou associar essa experiência profissional com o levantamento e leitura de uma bibliográfica sobre o desenho na educação infantil. Buscou-se identificar as contribuições do ensino da arte no âmbito da educação infantil, evidenciando novas possibilidades didáticas de ensino, avaliação e interpretação, por meio de uma maior atenção e cuidado com o papel mediador do professor.

Palavras-chave: 1 educação infantil. 2 desenho. 3 interpretação. 4 mediação.

Abstract

This monograph deals with learning to draw in early childhood education and role of it in child development. The research of this work is focused on a few points: 1) the importance and impact of the teacher's mediation on the desire of children to express themselves through drawing; 2) the practice of drawing in early childhood as a form of registration and representation; 3) the identification of resources and support instruments for mediating work of teachers; 4) the bibliographic survey about the importance of visual arts teaching in the student life. The choice of this theme came from my personal experience as a teacher for children of the first five years in early childhood education institutions. The used methodology searched to associate this professional experience with the survey and reading of one bibliography on drawing in early childhood education. It searched to identify teaching art contributions in the context of early childhood education highlighting new didactic possibilities for teaching, evaluation and interpretation through great attention and caution with the mediating role of a teacher.

Keywords: 1 early childhood education. 2 drawing. 3 interpretation. 4 mediation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ARTES VISUAIS E O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	9
1.1 Artes Visuais e seu Ensino	9
1.2 O Desenho na Educação Infantil.	13
2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO DESENHO INFANTIL.	18
2.1 Breve Históricos sobre Educação Infantil no Brasil.	18
2.2 As Fases do Desenvolvimento do Desenho Infantil como Linguagem para Comunicação	22
3 O OLHAR DO PROFESSOR SOBRE O DESENHO DA CRIANÇA	28
3.1 Primeiro Ponto: o Desenho Infantil em suas particularidades.....	28
3.2 Segundo Ponto: vivências do Desenho Infantil	31
5. CONCLUSÕES	33
6. REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um breve histórico sobre a introdução da arte no ensino regular do Brasil e destaca a importância do aprendizado do desenho para o desenvolvimento motor e criativo da criança. Ressalta-se a função sensível da arte e sua efetividade na construção da individualidade da criança. A arte estimula o lado imaginativo, sendo uma construção expressiva de cada criança, o que a torna um importante instrumento para o seu desenvolvimento e entendimento do mundo.

A primeira parte do trabalho avalia a aplicação das artes visuais e do desenho na educação infantil, mas o papel do educador nesse processo. A segunda parte concentra-se em como o profissional pode interpretar e melhor auxiliar as crianças. Neste sentido buscou-se através de uma pesquisa bibliográfica apresentar as etapas do desenvolvimento e os fundamentos teóricos do desenho infantil. No que diz respeito às etapas, podemos mencionar, desde já, a garatuja, a etapa pré-esquema, a esquema, o realismo entre outras. Todas essas etapas serão abordadas com maior profundidade na segunda parte do trabalho.

Neste trabalho, busquei saber sobre como o professor da educação básica e o professor especialista em Arte trabalha o desenho em sala de aula. Procurei em livros, artigos e trabalhos acadêmicos sobre a importância e os benefícios do desenho no desenvolvimento da criança, bem como o olhar do professor sobre esse desenho. Iremos abordar como a Educação Infantil encontra-se organizada atualmente e os campos de experiências que contemplam o desenho infantil como processo de criação e meio de comunicação com o mundo que a cerca. Também estaremos atentos aos meios para que se ampliem as formas de expressão e criatividade dentro das artes visuais no contexto escolar, assim como, as fases do desenvolvimento do desenho infantil, considerando a importância do papel do professor neste processo.

Ao longo da redação desta monografia, o entendimento do grafismo infantil e de seu simbolismo como um meio de expressão das crianças, deu ênfase à importância do olhar do profissional para cada desenho. As leituras bibliográficas reforçaram que este olhar deve envolver sutileza, atenção e sensibilidade. Do papel da representação gráfica na infância ao estudo das artes no Brasil, o olhar do profissional sobre os assuntos, as obras, as práticas e as etapas do desenvolvimento precisa ser muito atento e cuidadoso. Espera-se que este estudo seja um instrumento útil para interessados no tema, e que igualmente forneça

estratégias para educadores em suas atividades juntos aos alunos no ambiente escolar.

No próximo capítulo iremos abordar como a Educação Infantil encontra-se organizada atualmente e os campos de experiências que contemplam o desenho infantil como processo de criação e meio de comunicação com o mundo que a cerca. Também estaremos atentos aos meios para que se amplie as formas de expressão e criatividade dentro das artes visuais no contexto escolar, assim como, as fases do desenvolvimento do desenho infantil, considerando a importância do papel do professor neste processo.

1. ARTES VISUAIS E O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 Artes Visuais e seu Ensino

No Brasil, como em muitas partes do mundo, as grandes transformações tecnológicas, sociais, econômicas e de trabalho que aconteceram em meados do século XIX e ao longo do século XX acarretaram profundas e revolucionárias transformações nos modos de ensino e aprendizagem. Segundo Barbosa (2014), no ensino da Arte, essas transformações iniciaram-se com a especialização do ensino do desenho em diferentes categorias: gráfico, artístico, industrial, decorativo, etc. Dessa forma e a partir da década de 1920, o ensino da Arte no Brasil começou, aos poucos, a conquistar espaço nas escolas de ensino básico.

Em 1948, com o surgimento do movimento 'Educação através da Arte', divulgado pelo artista pernambucano Augusto Rodrigues (1913-1993), um conjunto de mudanças, visando um maior desenvolvimento artístico do indivíduo, foi sistematizado.

A Educação Através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (FERRAZ E FUSARI, 2001, p.19).

Neste mesmo ano, Augusto Rodrigues criou, juntamente com a artista gaúcha Lúcia Alencastro Valentim (1921) e a escultora norte-americana Margareth Spencer (1914), a Escolinha de Arte do Brasil (EAB) no Rio de Janeiro. Ana Mae Barbosa considera que o modernismo¹ no ensino de arte teve início, neste momento, sendo

¹ O Modernismo foi um movimento cultural, artístico e literário da primeira metade do século XX. Situa-se entre o movimento Simbolista de final do século XIX e o Pós-Modernismo, que surge a partir dos anos 50. (DIANA, 2019).

marcante a criação da Escolinha.

A Escolinha, que coloca o foco nas distintas expressões artísticas (dança, pintura, teatro, desenho, poesia etc.), funciona nas dependências da Biblioteca Castro Alves, do Instituto de Previdência e Assistência Social dos Servidores de Estado - Ipase, voltada fundamentalmente para o público infantil. (ESCOLINHA, 2019).

Na década de 1940, novas experiências na área da educação artística têm lugar no país, com o intuito de formar artistas e educar o gosto em função da liberdade expressiva. A Escola Guignard, criada em 1943, na cidade de Belo Horizonte, é ótimo exemplo de um modelo moderno de educação artística. Em relação às crianças, um amplo trabalho é feito pelos artistas plásticos que abrem os seus ateliês para a experimentação livre. No Recife, por exemplo, Lula Cardoso Ayres (1910 - 1987) fornece lápis, papel e tinta para as crianças, deixando que elas se expressem de modo não dirigido. Também as escolas da pedagogia Waldorf incentivam a integração entre arte e educação, no Brasil, desde a década de 1950. Importante ressaltar que, nesse movimento de ensino não formal para crianças pequenas, as mulheres tiveram uma papel de destaque, podendo-se sinalizar esse momento e situar essa iniciativa como precursora da atividade de arte educação² no Brasil.

Apesar dessas iniciativas progressistas, o ensino de Arte nas escolas foi sendo “cercado” por atividades repetitivas e monótonas baseadas em cópias e produções que não estimulavam a criatividade. Contribuiu para isso o fato de que apenas em 1971 o ensino de Arte foi incluído no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases - LDB, e mesmo assim, apenas como atividade educativa e não como disciplina. A Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 estabeleceu que:

Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. (Vide Decreto nº 69.450, de 1971)

²Sobre a formação da arte/educador, Silva (2010) apud Silva et al. (2016) vem indicando em seus estudos que a maior expressão desse processo aconteceu a partir da Década de 1960, com a criação do “Curso Intensivo de Arte na Educação” (CIAE). (SILVA; 2016).

As diretrizes e base publicadas durante o regime militar, se por um lado trouxeram avanço no que diz respeito à legislação, por outro não asseguram a formação profissional dos docentes. Bernardes e Olivério (2011) explica que:

O próprio contexto e a falta de profissionais preparados para atender a demanda de seu ensino não permitiram o desenvolvimento, neste momento, de uma educação em arte propriamente dita, ou seja, o contexto não permitia um aprofundamento do sentido artístico e estético envolvidos na área. (BERNARDES e OLIVÉRIO, 2011, p. 27)

O ensino de Arte só começou a ganhar maior espaço e importância com a nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Criada em 1996, que reconheceu a Arte como disciplina, obrigatória na educação básica. Junto a LDB, o Governo Federal elaborou os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), criado para ser um referencial na elaboração dos currículos escolares do ensino fundamental e médio, em redes particulares e públicas. Sobre o ensino de Arte os parâmetros destacam que:

Entre os anos 20 e 70, as escolas brasileiras viveram outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de arte, fortemente sustentadas pela estética modernista e com base na tendência escola novista. O ensino de Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, que eram diretivas, com ênfase na repetição de modelos e no professor, são redimensionadas, deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação. (BRASIL, 1997, p. 23).

Para a Educação Infantil foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Nele o ensino de arte recebeu o seguinte destaque:

É no fazer artístico e no contato com os objetos de arte que parte significativa do conhecimento em artes visuais acontece. No decorrer desse processo, o prazer e o domínio do gesto e da visualidade evoluem para o prazer e o domínio do próprio fazer artístico, da simbolização e da leitura de imagens. (BRASIL, 1998, p. 91).

Esse breve panorama das transformações nas práticas e nas leis relativas ao ensino de arte nos permite concluir que, a partir dos anos 70. Os objetivos do ensino de arte foram sendo modelados no sentido de propiciar uma expressão humana plural e singular, permitindo que a criança e o aluno se expressem de diversas formas, subsidiados em ferramentas conceituais que promoveram o melhor entendimento e conhecimento da Arte.

Para a compreensão e construção desses objetivos foram determinantes os estudos a cerca da Abordagem Triangular, desenvolvidos no Brasil pela professora e pesquisadora Ana Mae barbosa. De acordo com ela para se desenvolver o conhecimento em Arte é preciso contextualizar historicamente a arte, trabalhar o fazer artístico e cultivar a apreciação dos processos e resultantes do fazer. Em um vídeo no youtube sobre a história da Arte no Brasil, Pimentel (2014) ressalta que:

No começo do século XXI o que a gente tem como base é a abordagem triangular sistematizada por Ana Mãe Barbosa. Essa sistematização vai permear todas as metodologias ou todos os caminhos metodológicos que possa criar para ensinar Arte, principalmente Artes Visuais. (PIMENTEL, 2014) [vídeo file].

Mais recente, em 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada, trazendo novas mudanças. Devendo obrigatoriamente ser cumprida em todas as escolas públicas e particulares, a BNCC é o conjunto de conhecimento que todos os alunos têm o direito de aprender desde a Educação Infantil até o ensino médio. Dentro dela, encontramos dez competências que norteiam a formação do aluno ao longo da escolaridade básica: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania. Ao referir-se ao campo da arte a Base ressalta a importância de conhecer, apreciar e refletir sobre os elementos da natureza e mediante as produções e apreciações artísticas, individuais e coletivas de várias culturas e épocas. Com relação ao ensino de arte na Educação Infantil a Base constituiu e estabeleceu que fosse preciso:

promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (BRASIL, 2018, p. 41).

Assim, o ensino e aprendizagem da arte fundamentam-se, como outras formas de conhecimento e comunicação, através dos elementos que envolvem as diversas possibilidades de linguagem e de expressão. Sobre o desenho da criança na Educação Infantil. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) cita essa atividade como devendo ter caráter permanente e uma prática e dinâmica

marcadas por atividades em Ateliê ou oficinas de desenho, pintura, modelagem e música.

Já a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2018) aponta, sem muitas especificações, o desenho no campo de experiência “Traços, Sons, Cores e Formas”, descrito a seguir:

“Ressalta as experiências das crianças com as diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, incluindo o contato com a linguagem musical e as linguagens visuais, com foco estético e crítico. Enfatiza as experiências de escuta ativa, mas também de criação musical, com destaque às experiências corporais provocadas pela intensidade dos sons e pelo ritmo das melodias. Valoriza a ampliação do repertório musical, o desenvolvimento de preferências, a exploração de diferentes objetos sonoros ou instrumentos musicais, a identificação da qualidade do som, bem como as apresentações e/ou improvisações musicais e festas populares. Ao mesmo tempo, foca as experiências que promovam a sensibilidade investigativa no campo visual, valorizando a atividade produtiva das crianças, nas diferentes situações de que participam, envolvendo desenho, pintura, escultura, modelagem, colagem, gravura, fotografia etc.”. (BNCC, EDUCAÇÃO INFANTIL p.11-12)

Sendo assim, observa-se que o ensino de desenho, na trajetória da Educação Infantil, está sempre vinculado ao ensino das Artes Visuais entrelado ao campo visual e como forma de expressão e produção do mesmo modo que a pintura, escultura, etc.

1.2 O Desenho na Educação Infantil

As expressões artísticas produzidas pelo homem através dos tempos e nas mais diferentes culturas são um conhecimentos adquiridos por ele. Nesse processo, criou-se diferentes modalidades de expressão, tais como: desenho, pintura, fotografia, modelagem, escultura, gravura, arquitetura e bordado, além de outras. Arte é experiência e cultura, envolve, ainda, conhecimento e saberes adquiridos através de gerações; envolve o desenvolvimento individual e social. Quando conseguimos perceber que Arte não está estritamente ligada à expressão em suas diversas formas, possibilitamos um olhar crítico e sensível no que se refere à leitura e interpretação da representação artística. (É preciso entender que a Arte Visual na Educação Infantil não está ligada a cópias para colorir, a tintas e desenhos livres de maneira descontextualizada.)

Dentre as expressões visuais, destacaremos para este trabalho, na Educação

Infantil, o desenho. Na singularidade da sua expressão, oferece a possibilidade de deixar marcas, compor formas, representando a realidade e significando os acontecimentos do dia a dia. Desse modo, o desenho será compreendido nesse trabalho como um modo privilegiado de expressão da criança, constituindo uma forma de mediação com a realidade que a cerca. O desenho é uma maneira ampla onde a criança expressa o que sente. O próprio movimento do traçar fascina e demonstra ser um gesto prazeroso para a criança. O principal olhar para o desenho está voltado para a narrativa, o olhar do professor.

Com relação à função simbólica do desenho para a criança, Meredieu (2006, p. 9) escreve em seu livro intitulado “O Desenho Infantil”, que o desenho pode fornecer pistas sobre como a criança vê o mundo. Nesse sentido o desenho atua como meio de formulação dos primeiros conceitos e percepções da criança, existindo uma forte relação entre o ato de desenhar e a formação do desenvolvimento mental da criança. Para esta autora o desenho está estreitamente ligado ao desenvolvimento da linguagem e da escrita. Nesse mesmo sentido, Botelho afirma que:

O desenho é a forma de a criança expressar suas emoções com suas vivências; e a partir dessa experiência, torna-se um meio de comunicar, e o professor passa a olhar não como rabisco, e sim a digital da criança, ou seja, uma linguagem com a qual elas interagem com a emoção simbólica, cognitivo e a construção de si mesmas. O que não foi entendido nas palavras é transmitido pelo desenho. (BOTELHO, 2018, p. 4)

Por meio do desenho a criança cria e recria, individualmente, formas expressivas integradas ao prazer do gesto e à satisfação de deixar a sua marca. A criança desenha porque deseja representar livremente no papel aquilo que tem vontade ou porque foi orientada a fazê-lo. Assim, o sentimento expresso em um desenho, tanto pode ser um momento de imaginação, quanto uma forma de comunicação, uma exteriorização dos desejos e emoções das crianças. Gurgel conclui:

Toda criança desenha. Pode ser com lápis e papel ou com caco de tijolo na parede. Agir com um riscador sobre um suporte é algo que ela aprende por imitação – ao ver os adultos escrevendo ou os irmãos desenhando, por exemplo. “Com a exploração de movimentos em papéis variados, ela adquire coordenação para desenhar”. A primeira relação da meninada com o desenho se dá, de fato, pelo movimento: o prazer de produzir um traço sobre o papel para agir. (GURGEL, 2009, p. 73).

A recente BNCC destaca que é preciso considerar a criança como um ser com necessidades próprias, que tem desejos e que pensa criticamente, sendo capaz de criar, produzir e questionar. O processo de apropriação das diferentes linguagens

artísticas, desde o estranhamento até a experiência estética, é um importante fator de desenvolvimento humano que traz a possibilidade de aquisição e compreensão de múltiplos olhares e sentidos, que constroem a inteireza do homem na sua expressão.

Ao desenhar, a criança dá início a esse processo de construção de entendimento do mundo, inter-relacionando seu conhecimento imaginativo e seu conhecimento objetivo. E quando, paulatinamente vai se apropriando das convenções da linguagem mais formal do desenho, a criança está aprimorando esse sistema de representação gráfica. (PILLAR, 1996, p. 50).

O incentivo à prática artística desde a Educação Infantil, auxilia a criança a se expressar de forma clara, aumentando o seu repertório imagético e a sua capacidade de criação. Na Educação Infantil (e também no Ensino Básico) o trabalho educacional com artes visuais não visa formar artistas, mas ampliar a capacidade criativa, expressiva e comunicativa das crianças e possibilitar que elas conheçam as linguagens artísticas e tenham um olhar sensível para o mundo, aprendendo a representá-lo. (NEVES 2010, p.4).

As Artes Visuais são um meio de explorar, aprimorar e qualificar a observação, percepção e exploração do mundo. Por isso é fundamental uma boa estrutura física da escola, e do professor no que diz respeito ao conhecimento, à prática e aos objetivos da disciplina de Arte especialmente na Educação Infantil. Como organizar esse ambiente? O que é a livre expressão³ sem que a criança fique desassistida? Como mediar esse processo? “Artes Visuais tem que ser uma disciplina no currículo, para especificamente explorar a capacidade de observação e a percepção visual.” (BARBOSA, 2019). O olhar voltado para o objeto ressalta (Augusto 2009, p. 22), é uma ação complexa do sujeito observador. Sendo assim, perceber o que se observa é um ato de suma importância para sequenciar essa leitura.

Essa pesquisa trata da importância do desenho infantil. Mas para que isso aconteça integralmente é preciso que os profissionais, sejam eles professores da educação básica ou professores de arte, exerçam um olhar sensível para com o aluno, observando o que ele traz em sua bagagem de vida, suas experiências emocionais,

³ Recebe o nome de liberdade de expressão a garantia assegurada a qualquer indivíduo de se manifestar, buscar e receber ideias e informações de todos os tipos, com ou sem a intervenção de terceiros, por meio de linguagens oral, escrita, artística ou qualquer outro meio de comunicação. (SANTIAGO, 2018).

sociais e culturais. Quando nós, como professores, nos permitimos olhar para a história de nossos alunos, abrimos portas para o desenvolvimento de suas expressões.

A vivência do mundo simbólico e a ampliação das experiências perceptivas que fornecem elementos para a representação infantil dão-se no contato com o outro. O professor pode, através do trabalho com o aprimoramento das potencialidades perceptivas, enriquecer as experiências das crianças de conhecimento artístico e estético e isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, tocar, enfim, perceber as coisas, a natureza e os objetos à sua volta. (SANTOS e COSTA, 2016, p. 3).

O foco das Artes Visuais na Educação Infantil, e especificamente do desenho, não deve ser o resultado, mas sim o percurso criador e a maneira com que cada aluno se expressa individualmente. O modo de recepção e orientação do professor reflete na forma como o aluno se apresenta na construção da própria aprendizagem. Se expressar artisticamente está ligado ao repertório de situações problema, meios, suportes e materiais, convencionais ou não.

Esta junção de linguagens, meios e materiais, própria à arte, possibilita a revelação de algo que se quer mostrar, mesmo sem saber o que seja exatamente. Essa busca de algo que só se esclarece quando se encontra é fala recorrente de artistas, e não deve ser ignorada ou esquecida no ensino da arte e do desenho. MELO (2001) apud OLIVEIRA (2017) confirma a ideia de que:

“O Ensino da Arte na Educação Infantil, diante de suas diversas linguagens, atua no processo de desenvolvimento, propiciando a criança à compreensão de sua história como ser humano, estimulando e ampliando sua percepção de si mesmo e do mundo”. (MELO, 2001 apud OLIVEIRA, 2017 p. 28).

A Arte permite descobrir o novo e isso acontece a partir dos processos de criação. Inicialmente, ao fazer a leitura do que a criança cria, objetivando revelar o sentimento que impulsiona os caminhos de suas atitudes expressivas, o professor atua apoiando, estimulando e interagindo. No ensino de arte, uma predefinição excessivamente formal e rigorosa dos resultados esperados, pode afastar a possibilidade do encontro e do reconhecimento da necessidade de expressão exitosas; por isso destacamos a importância de que o professor permita que a criança reinvente e crie. Esse é um dos caminhos para a liberdade e conquista de uma qualidade de expressão. Nesse caminho o papel das Artes Visuais é fundamental.

A filosofia de Dewey centra-se principalmente em torno da experiência estética, que é intimamente ligada ao ato criador. Para o autor, a experiência estética é a forma mais elaborada de apreender conhecimento, pois unifica e potencializa processos de inteligência. O estético, como afirma Dewey, unifica o desenvolvimento “esclarecido e intensificado de traços que pertencem a toda experiência normalmente completa” (DEWEY, 2010 apud WOSNIAK e LAMPERT, 2016, p. 259).

As Artes Visuais, com o objetivo de sensibilizar e estimular a criança em suas diferentes linguagens, e especificamente na Educação Infantil, devem garantir um exercício e uma experiência lúdica, levando a criança, por meio das brincadeiras, a descobrir, conhecer e aprender. De 0 a 6 anos de idade, a criança precisa de estímulos corporais que a leve a explorar e desenvolver sua coordenação motora. A Arte participa desse processo como um dos principais facilitadores para esse desenvolvimento. O olhar crítico e observador do professor deve cercar esse processo e, junto às crianças, este construirá os meios e experimentações artísticas que se adequam a cada faixa etária, envolvendo experiências significativas que desenvolvam a imaginação e a exploração dos espaços físicos. É importante ofertar e permitir que as crianças vivenciem possibilidades de observação e exploração estética variadas buscando estimular sua capacidade criadora e, conseqüentemente, ampliando seu repertório no desenvolvimento da aprendizagem.

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (BRASIL, 1998, p. 85).

A ampliação da visão de mundo da criança proporcionada pelas experiências artísticas, contribui com o desenvolvimento do aprendizado em todas as áreas da vida. O ensino de Arte nas escolas, se associa naturalmente as demais disciplinas ofertadas, especialmente nos anos iniciais. Por isso a importância de sua inserção desde a educação infantil, pois as experiências fundantes sólidas nesse período, possibilita à criança a conquista de uma base e de situações seguras para as experiências futuras.

Fazer arte reúne processos complexos em que a criança sintetiza diversos elementos de sua experiência. No processo de selecionar, interpretar e reformar, mostra como pensa, como sente e como vê. A criança representa na criação artística o que lhe interessa e o que ela domina, de acordo com seus estágios evolutivos. Uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra

autoconfiança, independência, comunicação e adaptação social. (ALBINATI, 2009, p. 4).

O desenho infantil, então, revela manifestações, processos e sentidos da criança, cabendo ao professor estar atento ao que a criança sente e comunica ao desenhar, mesmo que esse sentimento seja apenas o reflexo de observar o resultado de seus traços sobre o papel. A partir desse entendimento, o professor tem a possibilidade de atuar e estimular o seu desenvolvimento motor, cognitivo e social. Traços e simples garatujas inicialmente sem significado contribuirão significativamente no desenvolvimento artístico e em outras áreas e disciplinas. Se reconhecemos que as experiências artísticas são de grande importância no processo de humanização, ampliando a visão de mundo e considerando integralmente as diversas possibilidades de fazer Arte dentro e fora do contexto escolar, é então de responsabilidade do professor ampliar o contato da criança com o mundo da Arte.

2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO DESENHO INFANTIL

2.1 Breve Históricos sobre Educação Infantil no Brasil



Figura 1: atividade de desenho na Educação Infantil
Fonte: Arquivo pessoal: Educação Infantil, Contagem 2019.

Oliveira (2002) que realizou uma pesquisa a respeito dos fundamentos e métodos de educação infantil, nos diz que a história da Educação Infantil no Brasil acompanhou a história dessa área no mundo. Até meados do século XIX, o acesso de crianças a creches ou jardins de infância praticamente não existia, quando a mesma não estava com a mãe.

Segundo Oliveira (2002), a educação das crianças pequenas era de tarefa da

família em particular das mulheres e das mães, sendo que ao serem desmamadas tendo condições de se alimentarem sozinhas e controlar suas necessidades fisiológicas eram tidas como adulto em miniatura.

Ao longo de muitos séculos, o cuidado e a educação das crianças pequenas foram entendidos com tarefas de responsabilidade familiar, particularmente da mãe e de outras mulheres. Logo após o desmame a criança pequena era vista como um pequeno adulto e, quando atravessava o período de dependência de outros para ter atendidas suas necessidades físicas, passavam a ajudar aos adultos nas atividades cotidianas, em que aprendia o básico para sua integração no meio social. (OLIVEIRA, 2002, p. 58).

Destaca ainda o autor que:

Nas classes sociais mais privilegiadas as crianças eram geralmente vistas como objeto divino, misterioso, cuja transformação em adulto também se fazia pela direta imersão no ambiente doméstico. Nesses casos, papais superficiais eram reservados à criança, mas sem considerar a existência de uma identidade pessoal (OLIVEIRA; 2002; p. 58).

Embora a Educação Infantil tenha ampliado o acesso e permanência das crianças nas instituições escolares, ainda encontramos crianças em situação de trabalho infantil com o objetivo de ajudar a família nas despesas da casa, o que tem prejudicado seu desenvolvimento e aprendizagem.

As crianças órfãs ou abandonadas por mães que foram exploradas pelos senhores de engenho eram resgatadas pelos agricultores e suas famílias. A família só era família se houvesse um homem inserido em um lar. Era uma forma grosseira de pensar que a mulher não tinha capacidade física e mental para construir ou reconstruir uma família. Por outro lado, filhos de mulheres de família de renome, tinham certo favorecimento, sendo recolhidos nas “rodas de exposto”.

A “roda de exposto” consistia num mecanismo utilizado para abandonar recém-nascidos que ficavam ao cuidado de instituições de caridade. O mecanismo, em forma de tambor ou portinhola giratória, embutido numa parede, era construído de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por aquele que a recebia. Esse modelo de acolhimento ganhou inúmeros adeptos por toda a Europa, principalmente a católica, a partir do século XVI.

Oliveira (2002, p. 61), fala da necessidade de criar um local para amparar filhos de ex-escravos e trabalhadores rurais que eram abandonados, aumentando cada vez

mais a taxa de mortalidade na época, essas possíveis instituições surgiriam como forma de diminuir os “problemas políticos nesse período” e tinham como objetivo apenas tirar das ruas as crianças e calar rumores de muitos setores sociais sobre o aumento da classe desfavorecida e da pobreza.

No período precedente à proclamação da república, observam-se iniciativas isoladas de proteção à infância, muitas delas orientadas ao combate das altas taxas de mortalidade infantil da época, com a criação de entidades de amparo. Ademais, a abolição da escravatura no Brasil suscitou, de um lado, novos problemas concernentes ao destino dos filhos dos escravos, que já não iriam assumir a condição de seus pais, e, de outro, concorreu para o aumento do abandono de crianças e para a busca de novas soluções para o problema da infância, as quais, na verdade, representavam apenas uma “arte de varrer o problema para debaixo de tapete”: criação de creches, asilos internatos, vistos na época como instituições assemelhadas e destinadas a cuidar das crianças pobres (OLIVEIRA; 2002; p. 92).

Durante muitos anos o papel da Educação Infantil no Brasil foi dar assistência em detrimento de propostas pedagógicas. Atualmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC; 2018) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p. 41).

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei no 9.394/1996). Deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a formação humana integral e para a construção de

uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

Segundo a BNCC (2018) na primeira etapa da Educação Básica, e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser assegurados seis **direitos de aprendizagem e desenvolvimento**, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver. São eles:

- Conviver;
- Brincar;
- Participar;
- Explorar;
- Expressar;
- Conhecer-se.

Ainda considerando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a BNCC (2018) estabelece cinco **campos de experiências**, nos quais as crianças podem aprender e se desenvolver. São eles:

- O eu, o outro e o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e formas;
- Escuta, fala, pensamento e imaginação;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Com isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dá um salto histórico ao reconhecer a Educação Infantil como uma etapa essencial e estabelecer direitos de aprendizagem para crianças de 0 a 5 anos. O documento também inova ao reconhecer essa etapa da Educação Básica como fundamental para a construção da identidade e da subjetividade da criança. (BRASIL, 2018, p. 32).

2.2 As Fases do Desenvolvimento do Desenho Infantil como Linguagem para Comunicação.



Figura 2: Representação da figura humana

Fonte: Arquivo pessoal: desenhos de crianças de 2 e 3 anos. Contagem, 2019.

Como fundamentos teóricos sobre o desenvolvimento do desenho infantil, Rabello (2014) e Lowenfeld (1977), tratam da importância do grafismo do desenho, como forma de linguagem que a criança tem para se comunicar com mundo através da sua capacidade de criar e sentir.

Segundo Rabello⁴ (2014), o desenho é uma linguagem singular, que nos possibilita conhecer o mundo infantil e como esta criança se sente no mundo a maneira que as crianças têm de se comunicar e de se posicionar no mundo, por meio de formas, linhas e cores.

Por estar em um processo de desenvolvimento e por este motivo ainda não conseguirem se expressar por meio das palavras, uma vez que são ainda pequenas, as crianças normalmente não conseguem identificar seus sentimentos e podem inconscientemente trazer para os desenhos suas necessidades. (RABELLO; 2014; p.17)

⁴ Rabello (2014) é pedagoga, psicopedagoga e arteterapeuta. Em seu livro “O Desenho Infantil”, faz um estudo minucioso, do desenvolvimento do grafismo infantil, das suas etapas, das cores e seus simbolismos. Ela apresenta como as fases são estudadas por autores como Piaget, Vygotsky, Lowenfeld, Derdyk, entre outros, e destaca seu uso na Arteterapia.

O trabalho terapêutico com arte acontece, de acordo com os estudos de Rabello (2014) dando suporte às interpretações dos desenhos das crianças, e entrando como mediador no processo de expressão, fazendo com que os pais e educadores tomem conhecimento dos simbolismos contidos nos desenhos e possibilitando dessa forma, um maior conhecimento destas crianças, favorecendo, assim, melhores relações familiares e na escola.

Podemos constatar que o arteterapeuta lida quase sempre com a interpretação simbólica que está contida nas representações não verbais, no seu dia a dia e em relação à escola. (RABELLO; 2014; 15-16).

Dessa forma, o olhar para cada desenho, deve ser uma atividade que requer sutileza, atenção, observação e sensibilidade. Deve-se buscar pelo olhar o que é manifesto e o que está nas entrelinhas, o que esteja sutilmente colocado nos cantinhos, quase que imperceptível, entendendo sempre a importância do desenho como uma forma de comunicação.

Lowenfeld (1977), foi professor de artes e por meio de suas pesquisas veio a elaborar uma teoria dos estágios de desenvolvimento artísticos da criança. Ele sinaliza que a criança, através dos desenhos, está refletindo seus sentimentos, sua capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a percepção, a criatividade, a estética e a evolução social. Cada obra de uma criança demonstra um momento tanto de alegria, tristeza ou de tédio, que a criança tem a capacidade de colocar em um desenho, todos os sentimentos que possa sentir naquele momento.

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constitui um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora (LOWENFELD, BRITAIN, 1977, p. 13).

Dessa forma, serão apresentadas as fases do desenvolvimento infantil segundo Lowenfeld (1977):

Garatuja (1 a 4 anos): a primeira fase é a *garatuja desordenada*, onde o desenho da criança é caracterizado pela presença desordenada de traços, pois a criança risca apenas pelo prazer, sem controle de movimento; a segunda fase é a *garatuja ordenada*, onde estabelece a coordenação visual-motora: há repetições de movimentos, surgindo traços longitudinais e linhas circulares; a terceira fase é a *garatuja nomeada*, que acontece a partir do momento em que a criança garatuja e verbaliza nomeando seus traços, criando histórias aos seus desenhos, demonstrando mudanças de pensamento, do cenestésico ao imaginativo.

Durante a etapa da garatuja, a figura humana só é presente através da imaginação, quando a criança pratica o ato de nomeá-la; o espaço não é representação no início dessa etapa, apenas quando sentido cinesteticamente, a partir de histórias contadas pela criança; a cor desempenha um papel secundário, sendo usada apenas para distinguir diferentes significados às garatujas.

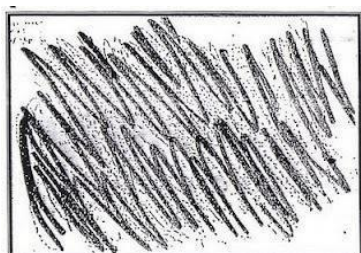


Figura 3: Garatuja ordenada



Figura 4: Garatuja desordenada

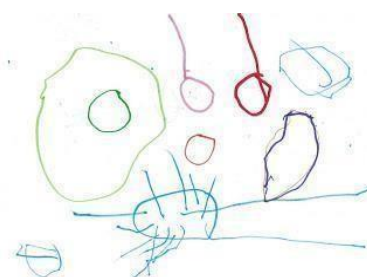


Figura 5: Garatuja nomeada

Fonte: <https://metamorfosexpressiva.wordpress.com/2016/05/28/construcao-grafico-plastica-lowenfeld>

Segundo Rabello (2014, p. 22), mesmo a criança que ainda faz garatujas, pode trazer para seus desenhos ideias, objetos e pessoas. Para desenhar e usar a linguagem do desenho, a criança passa por diferentes estágios, nos quais vai criando uma intimidade com o vocabulário desta linguagem, que tem como base: a linha e o ponto, que vão dar origens a diferentes traçados.

Nesta fase a criança vive a aventura da descoberta do mundo ao seu redor, vai registrando as suas primeiras marcas na história através dos desenhos, em papel, parede e demais espaços encontrados.

Pré-esquema (4 a 7 anos): no início desta etapa, ainda há presença de constantes repetições de símbolos e formas. Com o seu desenvolvimento gráfico-plástico, a criança descobre a relação entre o objeto e a realidade atingindo a figuração, tendo intuito de representar o mundo que a rodeia, procurando estabelecer um padrão individual, ou seja, seu próprio esquema de desenhar.

Durante essa etapa, a figura humana é a primeira representação, surgindo em círculos (cabeça) e traços longitudinais (pernas e braços), formando assim, a representação “cabeça-pernas”; o espaço começa a ser inter-relacionado com os objetos desenhados, predominando relações emocionais; a criança não se preocupa com a realidade das cores, sendo seu uso subjetivo, desvinculado do real, vinculado às relações emocionais.



Figura 6: Desenho de figuração pré-esquema

Fonte: Arquivo pessoal: desenhos de crianças de 5 anos. Contagem, 2019.

Esquema (7 a 9 anos): essa etapa corresponde em geral aos primeiros anos escolares, onde, a criança desenvolve a organização de seu desenho de acordo com uma relação lógica, agrupando seus personagens na parte inferior do papel, como se estivessem no chão, criando cenas.

Durante essa etapa, a figura humana se dá a partir de formas geométricas, omitindo ou exagerando em partes que são importantes no momento, relacionados por um foco de interesses visuais e emocionais; a cor se torna objetiva, tendo relação com o objeto; o espaço, agora, apresenta a “linha base”, colocando seus desenhos sobre ela, causando mais vínculo com a realidade, onde esta linha pode representar dois ou mais planos (rebatimento: casas deitadas dos dois lados da rua), ocorre também a transparência ou raio-X e representações de variações temporais num mesmo espaço.



Figura 7 e 8: Desenho de figuração esquemática: identificação de banheiros
Fonte: Arquivo pessoal: desenhos de crianças de 7 anos. Contagem, 2019.

Realismo (9 a 12 anos): essa etapa é caracterizada pelo abandono do uso de linhas geométricas, havendo maior representação do natural. Com a intenção do naturalismo, a atividade gráfica infantil começa a perder a espontaneidade, se tornando condicionada à análise e ao senso crítico, fixando a atenção nos detalhes. A consciência do Eu em relação ao sexo começa ser demonstrado.

Durante essa etapa, a figura humana é representada por linhas mais realistas, onde surge a caracterização das roupas e diferenciação entre menino e menina; o espaço perde o uso da “linha base”, dando lugar ao plano e a superposição de planos. O céu baixa até a linha de base havendo preenchimento entre eles, construindo a profundidade e o conceito de horizonte; não há mais a rígida relação cor-objeto, havendo agora, uma caracterização da cor e de tonalidades.



Figura 09: Desenho de figuração realista

Fonte: <https://metamorfosexpressiva.wordpress.com/2016/05/28/construcao-grafico-plastica-lowenfeld>

Pseudo-naturalista ou Idade da razão (por volta de 12 a 14 anos): essa etapa marca o início da racionalização do pensamento, onde o jovem já não se satisfaz apenas com o processo de criar, mas com o resultado deste processo.

Durante essa etapa, a figura humana é representada de forma articulada com traços realistas e o vestuário detalhado. Aparece o desenho satírico e caricatural; no espaço surgem qualidades tridimensionais e uso da perspectiva. (tanto na questão dos tamanhos dos objetos que se afastam como nos objetos de forma geométrica). A cor se dá no sentido intuitivo, tendo bastante significado, utilizado de forma criadora.



Figura 10: Desenho de figuração pseudo-naturalista

Fonte: <http://elaineduca.blogspot.com>

No desenho da criança, estão todas as suas possibilidades de atuar, assim como todas as suas necessidades diante do mundo. Isso porque somos únicos, e a cada um tem seu fazer criativo. Todas as pessoas, sem exceção são criativas, e as crianças o são também, sempre nas brincadeiras, no falar, no desenho. (RABELLO; 2014, p.27).

Assim como sentar, arrastar, engatinhar, ficar em pé e andar, são fases do desenvolvimento humano comuns para todas as crianças, em todo mundo nas diversas culturas e classes sociais, os riscos, rabiscos e garatujas são fases iniciais do desenho de todas as crianças. A evolução do grafismo vai criando uma forma de expressão e comunicação com mundo em sua volta, ampliando as possibilidades que criança encontra para criar e recriar suas ideias e emoções.

O próximo capítulo, iremos abordar como “O olhar do professor sobre o desenho da criança”, favorece uma discussão do ponto de vista teórico/prático sobre as impressões do desenho infantil relatadas por mim, Professora da Educação Infantil, e por outros autores.

3. O OLHAR DO PROFESSOR SOBRE O DESENHO DA CRIANÇA

3.1 Primeiro Ponto: o Desenho Infantil em suas particularidades

O desenho está presente em nosso cotidiano, nos auxiliando na representação de nossas vivências, formas de comunicação e interação nos contextos sociais nos quais nos encontramos inseridos.

Para Freitas (2010, p. 9) pode-se compreender que há vários sentidos na expressão gráfica do desenho infantil, pois nele a criança utiliza-se de múltiplos caminhos para registrar percepções, conhecimentos, emoções, vontade, imaginação, memória no desenvolvimento de uma forma de interação social, apropriada a suas condições físicas, psíquicas, históricas e culturais.

Na educação infantil, as crianças vivenciam e exercitam suas primeiras relações fora de casa. No espaço escolar, quando começa a ter um conhecimento maior

sobre a vida em grupo, a criança irá ampliar suas relações interpessoais, cognitivas e emocionais. As experiências ali presentes são um alicerce para as construções e o desenvolvimento da aprendizagem futura. Portanto é importante buscar maneiras de inserir o desenho como atuante nessas questões, empreendendo formas de coloca-lo no cotidiano da criança não apenas como forma de registro, mas também como uma importante forma de expressar a maneira como a criança vê o mundo por meio de suas relações, cognições e emoções. Suas experiências e vivências.

Sendo assim, para que a atividade do desenho possa ser inserida nos processos de construção e desenvolvimento da criança na Educação Infantil, é necessário que o professor conheça essa criança, tanto no que diz respeito a aspectos gerais da sua faixa etária, quanto em relação a questões individuais: conhecer o seu brincar; os seus modos de deixar rastros e marcas; o seus modos de expressar emoções; seu desenvolvimento motor, bem como o estágio de desenvolvimento de suas habilidades motoras.

É importante ressaltar que o desenvolvimento motor acontece em uma sequência, mas pode ser mais lento, ou não, em cada criança em particular. Desta maneira, é coerente falar que as etapas acontecem por volta de esta ou aquela idade. (RABELLO: 2014, p. 21)

O desenho infantil revela-se um meio de expressão do aluno e um método de análise por parte do professor, que pode ser aprimorado no desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Ele auxilia no desenvolvimento da linguagem, da coordenação motora, da memória, na socialização do pensamento, no aprimoramento da criatividade, na autoestima, na comunicação e na leitura do mundo.

A criança quando começa a perceber o mundo da escrita fica no estado de deslumbramento e tenta imitar a escrita dos adultos. Na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente exercitar e experimentar uma ação sobre uma superfície. Nesse exercício livre, ela sente prazer ao constatar os efeitos visuais que sua ação produziu. As garatujas não devem ser tratadas como rabiscos sem importância. Como na escrita, tudo que é representado pelas crianças em seus primeiros passos tem um significado e, portanto, cabe ao professor um olhar

transformador fazendo dessa apreciação um método de ensino tão apropriado quanto qualquer avaliação quantitativa. O professor pode fazer isso a partir do momento em que ele perceber que o desenho infantil tem caráter de identificação da relação emocional, cognitiva e o processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Através desses primeiros rabiscos, a criança inicia e percorre um caminho até as representações gráficas. Sendo assim, é importante que o professor busque ter conhecimento das fases do desenho infantil e de sua relação com a escrita gráfica e a expressão simbólica.

Rosângela Doin Almeida ressalta que:

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente. (ALMEIDA; 2003, p.27)

O olhar do professor que observa o desenho, deve captar a representatividade das leituras de mundo das crianças. Quando as crianças desenhavam, usam diferentes linhas, formas e figuras, com diferentes pressões e ritmos, desenvolvendo e criando sua maneira particular de expressar e interpretar o mundo que a rodeia através dos riscos e rabiscos e, posteriormente, através de suas formas, figuras e imagens, a criança exprimi a liberdade de sua imaginação. Nesse processo, o desenho se destaca como a primeira forma de expressão usada pela criança para se comunicar e expressar sua percepção de mundo. Ainda nesse sentido, o olhar atento e capacitado do professor pode, em muitos casos, perceber questões psicológicas e de temperamento, como ressalta Nancy Rabello:

Uma criança que faz traços regulares e nítidos nos passa a ideia de que é tranquila e segura, demonstra autoconfiança, sem medo de expor suas ideias nos seus desenhos. Já os traçados irregulares ou frágeis podem identificar crianças inseguras, tímidas ou ainda com dificuldades de se relacionar com os demais, parecendo ter receio de mostrar suas produções. (RABELLO; 2014; p. 75-76).

3.2 Segundo Ponto: vivências do Desenho Infantil

Acredito que a beleza está na maneira com que a criança pega no material para desenhar, a beleza está no traço, no rabisco, nas garatujas. O belo é permitir que a criança se aproprie da Arte como parte de seu cotidiano para além da sala de aula.

Para Silva et al. (2010, p. 97), as Artes Visuais são uma importante forma de expressão e comunicação, cujo aprendizado desenvolve parâmetros como o senso estético, a sensibilidade e a criatividade.

Para Rabello (2014) apud Bezerra (2016, p. 3), o professor é aquele que busca através de diferentes recursos ajudar cada aluno a desenvolver sua personalidade, dentro e fora da sala de aula.

Na educação infantil, a primeira preocupação é desenvolver as habilidades que envolvam o conhecimento e o controle do próprio corpo, como o equilíbrio, as partes do corpo, a higiene, a coordenação motora, etc. O desenho na educação infantil fornece mecanismos facilitadores para as crianças e para o professor.

A criança aprende brincando; ela precisa para isso de se apropriar do próprio corpo. Por esse motivo é muito importante a oferta de atividades que permitam ações motoras de maneira livre e independente. Com o desenho não é diferente, a criança precisa desenhar como uma forma de brincar, sem se preocupar com a perfeição, o jeito certo e errado, ou a maneira correta de desenhar. Para a criança, brincar de desenhar é criar um elefante sem tromba, um peixe voando e um macaco dirigindo um carro. É criar, é reinventar, é ressignificar, é se apropriar da própria técnica, é acreditar no que criou e fazer desse desenho sua verdade. Acredito que daí nasce o belo, a beleza de se desenvolver em todas as áreas do conhecimento, respeitando cada etapa do desenvolvimento infantil nas funções e capacidades psíquicas e motoras, mesmo que de maneira inconsciente.

O desenho na perspectiva tradicional deixa os alunos atormentados pelas críticas adultas, perdendo assim, a própria confiança em si e em seu mundo imaginário, onde tudo pode acontecer, descobrir e criar coisas. Desta forma, eles se sentem inseguros, acham seus

desenhos ridículos e o erro é um temor (COSTA, 2006 apud BOMBONATO e FARAGO, 2016).

Para Celestin Freinet:

No transcorrer do desenvolvimento do desenho, Freinet elucida que a criança fala de si próprio, por meio da produção de desenhos no momento em que ela domina o desenho, pois antes disso, ela se desenvolve experimentalmente sem algo completo. A criança só poderá falar de si pelo desenho quando estiver segura do lápis. Até lá, a técnica é demasiado imperfeita e o instrumento falha a cada instante. A criança tira vantagem disso e realiza os seus desenhos segundo o princípio da tentativa experimental que definimos. Depois ajusta como lhe for possível, a sua expressão verbal à sua criação gráfica, mas um pouco como se estes grafismos não lhe fossem pessoais. (FREINET, 1977, p. 91-92).

É certo que a cada idade corresponde uma fase do desenvolvimento do desenho. Mas não necessariamente a criança é obrigada a produzir um desenho de tal maneira que corresponda a essa ou aquela fase. As fases do desenho entram como um parâmetro de observação do professor relacionado com o estágio de desenvolvimento da criança.

Já tive um aluno que, de acordo com as fases do desenho, se encontrava muito atrasado para sua idade em comparação com os demais alunos. Mas por que talvez esse aluno não desenhava como esperado para sua idade? No decorrer do ano letivo, observamos que ele precisava avançar em outros aspectos primeiro para depois evoluir seu desenho aspectos como por exemplo a fala e o conhecimento do próprio corpo.

O desenho é uma forma de expressão do corpo como, a fala e gestos. Sabemos que muitas crianças que não desenhavam como o esperado para sua idade podem estar passando por transtornos psicológicos e que o desenho pode ser um grande aliado para ajudá-las. Por isso acredito que seja de grande importância que o professor entenda o desenho como um processo e não como uma obrigação. Desenhar é preciso, mas com respeito ao tempo de cada criança, oportunizando experiências ricas de aprendizado que contribuirão em diversas outras habilidades, como a social, a emocional, a artística e a motora.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo, apresentei um breve histórico sobre a inserção do desenho na educação infantil. E seu percurso no ensino da Arte até chegar nos documentos que regem a obrigatoriedade do ensino de Arte na educação infantil.

O segundo capítulo, apresentei alguns estudos que identificam as fases do desenvolvimento infantil e que possibilitam a análise e interpretação do desenho da criança. Inicialmente fiz um breve histórico sobre a educação infantil no Brasil e em seguida exemplifiquei cada fase com algumas imagens que às representavam. Isso foi importante para que eu pudesse entender que cada idade, passa quase que obrigatoriamente por uma fase do desenho e nessas fases a criança vai representar o desenvolvimento de seu desenho como uma linguagem para se comunicar através da sua capacidade de criar e sentir.

No terceiro capítulo, me detenho no papel do olhar que o professor lança sobre o desenho da criança. Percebendo esse desenho em toda sua particularidade, entendendo-o como um processo de construção do desenvolvimento da criança dentro da escola. Ressalto a necessidade de que o professor observe cada criança em sua individualidade, conhecer e compreender o estágio de desenvolvimento de suas habilidades e que esse processo pode acontecer de maneira lenta ou normal.

O desenho tem papel importante como instrumento de comunicação. Mas não adianta ter essa clareza se minhas atitudes enquanto professora não condiz com minha prática e teoria. É preciso fazer, É preciso colocar em prática e exercitar a cada dia esse olhar perante o aluno, sem focar no certo ou errado, sem focar na maneira correta de desenhar. A criança precisa de estímulos que envolvam o corpo, e o ato de desenhar faz parte desse estímulo. Em contra partida, não podemos focar apenas no desenho como um simples ato de colocar o lápis sobre o papel ou como simples rabiscos. Importante observar a maneira como a criança desenha, como ela traça seus desenhos e como ela exterioriza o que observa no mundo. Acredita-se que o desenho passa não ser visto como algo simples presente na educação infantil, mas sim, como um dos principais métodos de desenvolvimento de aprendizagem que percorre por todas as áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. *Artes visuais*. Artes II. Belo Horizonte. 2008.

ALMEIDA, Rosângela Doin. *Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola*. 2. ed. São Paulo: contexto, 2003.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. *Ver depois de olhar - a formação do olhar do professor para os desenhos de crianças*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-01092009-152645. Acesso em: 2019-11-18

BARBOSA, Ana Mae. *Ensino de Artes Nas Escolas*. Canal Educação NT. 24m:19s. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yjv9gcjZQDw&t=54s>.

BARBOSA, Ana Mae. *História do Ensino da Arte no Brasil*. Innovatio Laboratório de Artes e Tecnologias para Educação. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KyjPjAM784o>.

BERNARDES, Janaína Antônia Ponciano; OLIVÉRIO, Lúcia Oliveira. *Uma Breve História do Ensino de Arte no Brasil*. Revista Educação. São Paulo, v. 1, n. 1, Jan./Dez. 2011. Disponível em: <https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=/upload/cms/revista/sumarios/229.pdf&arquivo=sumario2.pdf>.

BEZERRA, Nivândia Maria. *O Olhar do Professor Sobre o Desenho da Criança Pequena*. 2016. TCC (Psicopedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1818/1/NMB17062016>

BOMBONATO, Gisele Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. *As Etapas do Desenho Infantil Segundo Autores Contemporâneos*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, p. 174. 2016. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>. Acesso em 14/11/2019.

BOTELHO, Angela Maria Camelo da Silva. *O Grafismo Infantil: As Formas de Interpretação dos Desenhos das Crianças*. Curitiba, 2018, p. 4.

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular*. Educação é a Base. 2018, p. 41. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 14/11/2019.

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Base de 1971 – Lei 5692/71 – Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71#art-7>.

BRASIL. *Ministério da Educação e do Desporto*. Secretária de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998.

BRASIL *Ministério da Educação e do Desporto*. Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, *Modernismo no Brasil*. Disponível em: <https://www.policiamilitar.mg.gov.br/conteudoportal/uploadFCK/ctpmbarbacena/08082017082904353.pdf>. Acesso em: 03/12/2019.

BRASIL. *Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CONTAGEM, Minas Gerais. *Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. A Criança, a Arte e a Linguagem Plástica e Visual*. 2012, p. 20. Disponível em: http://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/concursos/curriceducinfantil_arte_finalbx.pdf.

DERDYK, Edith. *Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do Grafismo Infantil*. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 2004.

DIANA, Daniela. *Modernismo no Brasil*. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/modernismo-no-brasil/>.

EDUCA, Elaine. *O Desenho*. 2009, disponível em: <http://elaineduca.blogspot.com/>.

ESCOLINHA de Arte do Brasil (EAB). In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao209047/escolinha-de-arte-do-brasil-eab>. Acesso em: 03 de Dez. 2019.

FERREIRA, Sueli. *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. São Paulo: Papirus, 1998.

FREINET, Celestin. *O método natural: a aprendizagem da língua*. Tradução de Franco de Souza e Maria Antonieta Guerreiro. Lisboa: Estampa 1977. 405p.

FREITAS, Lucélia. *Desenho Infantil: Uma ferramenta de apoio para a intervenção psicopedagógica*. 2010. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - Instituto A Vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K213535.pdf.

FUSARI, Maria Felisminda de Resende; FERRAZ Heloísa Corrêa de Toledo. *Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições*– 2. ed. rev. e amp. – São Paulo: Cortez, 2009.

GALVÃO, Laise Raquel Meireles. *O Olhar do Professor na Interpretação de Desenhos Infantis*. 2017. Artigo Científico (Curso de Pedagogia) - Instituto de Ensino Superior Franciscano, Paço do Lumiar, Maranhão, 2017. Disponível em: <http://iesfma.com.br/wp-content/uploads/2017/10/O-OLHAR-DO-PROFESSOR-NA-INTERPRETA%C3%87%C3%83O-DE-DESENHOS-INFANTIS-estudo-realizado-na-Escola-%E2%80%9CJardim-de-Inf%C3%A2ncia-O-Pescador%E2%80%9D-em-Raposa-MA.pdf>

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. *A História da Arte*. Editora LTC, 16ª edição, p. 14. Rio de Janeiro, 2000.

GURGEL, Thais. *O Desenho e o Desenvolvimento Das Crianças*. 2009, p. 73. disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/121/o-desenho-e-o-desenvolvimento-das-criancas>.

HEIDEN, Vanessa Gonçalves. *Metamorfose Expressiva do Desenho*. 2016, disponível em: <https://metamorfoseexpressiva.wordpress.com/2016/05/28/construcao-grafico-plastica-lowenfeld/>.

- LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- LOWENFELD, Viktor. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MEREDIEU, Florence de. *O Desenho Infantil*. Tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. II. Ed. São Paulo. Pg. 9. Cultrix, 2006.
- MOREIRA, Angélica Albano. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 13. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.
- NEVES, Esmerinda D'Aparecida. *Artes visuais: A criança, o desenho e a expressividade infantil*. 2010. Artigo de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Instituto superior de Educação, Faculdade Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, 2010. Disponível em:
- OLIVEIRA, Patrício Lucena de Oliveira. *A Arte Como Elemento Facilitador na Construção da Aprendizagem*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de psicopedagogia). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, p. 58. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4404/1/PLO11092014.pdf>
- OLIVEIRA, S.J.U. *Qual a Relevância do Desenvolvimento da Expressão Artística Usada Como Prática Pedagógica na Educação Infantil, Por Meio da Linguagem Corporal?* REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar [Seção: Núcleo das Licenciaturas], Itajaí, v. 5, n. 1.2, 2017. Disponível em:
<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/redivi/article/view/11610>.
- OLIVEIRA, Z. R. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: editora Cortez, 2002.
- PILLAR, Analice Dutra. *Desenho e Construção de Conhecimento na Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 50.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Cognição Imaginativa*. Pós: Revista do Programa de Pós Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 98-106, 2013.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *História do Ensino da Arte no Brasil*. Innovatio Laboratório de Artes e Tecnologias para Educação. 2014. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=KyjPjAM784o>.
- RABELO, Nancy. *O Desenho Infantil: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores*. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014.
- SANTIAGO, Emerson. *Liberdade de Expressão*. 2018, disponível em:
<https://www.infoescola.com/direito/liberdade-de-expressao/>.
- SANTOS, Maria Alice Amaral dos; COSTA, Zuleika. *A Arte na Educação Infantil: Sua Contribuição para o desenvolvimento*. In: SIE - XV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2016, Novo Hamburgo, RS. Canais eletrônicos. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/325d6200-a6f7-420b-8192-7f3fade7ee4d/A%20arte%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20sua%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20desenvolvimento..pdf>. Acesso em 19/11/2019.
- SILVA, Elizangela Aparecida da; OLIVEIRA, Fernanda Rodrigues; SCARABELLI, Letícia; COSTA, Maria Lorena de Oliveira; OLIVEIRA, Sâmyla Barbosa. *Fazendo Arte Para Aprender: A Importância das Artes Visuais no Ato Educativo*. Pedagogia em Ação - Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia da PUC Minas, v. 2 n. 2, p.

95-104, 2010. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4850>. Acesso em 15/11/2019.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; JÚNIOR, Gilvan Pereira da Silva; SILVA, Maria Cristina da. Movimento Escolinha de Arte: Um Olhar a Partir do Curso *Intensivo de Arte na Educação* – CIAE (Rio de Janeiro, 1960 – 1981). In: 25º Encontro da ANPAP, 2016, Porto Alegre, RS. Arte: seus espaços e/em nosso tempo: anais eletrônicos. Porto Alegre: ANPAP, 2016. p. 2621-2635. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s4/maisasilva-eversonsilva-gilvanjunior.pdf>.

WOSNIAK, Fábio; LAMPERT, Jocielle. *Arte como experiência: ensino/aprendizagem em Artes Visuais*. Revista GEARTE, [S.l.], v. 3, n. 2, ago. 2016. ISSN 2357-9854. Disponível em: . Acesso em: 20/11/2019.